

ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA: O SIGNIFICADO DAS PRÁTICAS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Valdir Nogueira

Doutorando na Universidade Federal do Paraná – UFPR – Curitiba/Sul do Brasil. Rua Amaro Bento de Sousa, 340. Jardim Icarai - Barra Velha/SC – Brasil – CEP 88390-000 valdirnog@unerj.br

A finalidade do ensino e da aprendizagem de geografia é a formação de uma cidadania comprometida com as realidades local e global. Assim, uma Educação Geográfica com sentido está intencionalmente voltada para a leitura de mundo. Essa leitura de mundo compreende análise crítica e explicação do mundo, decodificação e proposição em relação ao que se lê do mundo no mundo; da realidade local-global onde o sujeito desta educação vive e com a qual interage, está situado.

Ler o mundo é ler o espaço. Ler o mundo é apreender a linguagem do mundo, traduzindo-o e representando-o: a percepção do espaço e sua representação é um processo de múltiplas operações mentais que se desenvolve a partir da compreensão simbólica do mundo e das relações espaciais topológicas locais. (Perez, 2001, p. 107).

A Educação Geográfica que se pretende é uma educação comprometida com a idéia de formação de uma cidadania responsável com o planeta, com o espaço social em que habitam os sujeitos dessa educação. Por isso, considerando-se a formação de uma consciência espacial e com ela a formação da cidadania, destacam-se alguns elementos que estão imbricados a essa formação, a saber: a) respeito e conservação da diversidade biológica e cultural; b) as relações estabelecidas entre homem e natureza, relações sócio-ambientais; c) a preocupação com a continuidade da vida no planeta; d) a intervenção do sujeito situado no universo político, econômico, social, cultural, etc. Estas preocupações estão sinalizadas no que Barcelos (2004) propõe para a formação de uma cidadania planetária:

As interferências no local afetam o contexto global, uma vez que se entende/compreende que estes contextos são relacionais. Ao pensar em uma cidadania planetária, se pensa no sentido de intervenção do sujeito no contexto global a partir de suas ações no contexto local. Em um sentido educativo, estas intervenções precisam estar contempladas no projeto de geografia e no projeto de escola – lugar da experiência dos sujeitos. Projetos estes que pensem a cidadania planetária em uma dimensão de solidariedade, de convivência, de respeito entre os povos, as diferentes etnias; uma cidadania que questione as formas de terrorismo, a degradação ambiental; uma cidadania em que sociedade e natureza possam ser compreendidas na dimensão da interdependência.

Na Educação Geográfica, que é também educação para a cidadania, a planetaridadeⁱ, busca-se considerar as relações homem-meio (espaço geográfico) e as implicações nos cuidados com o ambiente de vivência; preocupa-se com a consciência ambiental dos sujeitos; com as questões éticas na relação sujeito-sociedade-mundo, na relação eu-outro e as implicações destas relações, considerando-se: o preconceito, a discriminação étnica, social, a democracia, a solidariedade, enfim, a continuidade da vida em sua singularidade e universalidade.

O porquê se ensina e se aprende e o como se ensina e se aprende Geografia, relaciona-se com estas preocupações que hoje são consideradas imprescindíveis serem assumidas nos contextos escolares nas diversas áreas do conhecimento, entre elas especificamente, a Geografia. O que se pretende é uma Educação Geográfica propositiva, que intervém de modo significativo na vida dos sujeitos e na sociedade, que afete os sujeitos no sentido de se perceberem como agentes sociais. Nesta direção, levanta-se a seguinte questão: Que práticas educativas podem contribuir para a formação da consciência espacial dos cidadãos no ensino e na aprendizagem de Geografia?

Pensar as práticas de ensino e de aprendizagem de Geografia no sentido de projeto-mundo, projeto-geografia, projeto-escola, projeto-sociedade possibilita levantar outros questionamentos: o que esperam, desejam os alunos das práticas de ensino-aprendizagem de Geografia desenvolvidas pelos professores? Qual o significado do modo como se ensina e se aprende Geografia em suas vidas? Como percebem as intenções dos professores e que sentidos atribuem a elas, às suas práticas? Qual o significado, a importância da educação geográfica hoje para professores e alunos? Essas questões remetem à busca pelos significados das práticas, a perceber se nelas alunos e professor caminham na direção da formação de uma cidadania consciente da espacialidade das coisas como afirma Cavalcanti (2002).

O modo como se ensina e se aprende geografia na escola tem que ver com o modo como as pessoas vivenciam e experimentam o mundo, a sociedade; tem que ver com o modo de intervenção das pessoas no mundo. Por isso, a educação escolar, assim como a educação geográfica em seu contexto, são práticas sociais. Práticas

sócio-educativas que estão relacionadas ao modo como cada sujeito atua no contexto social em que vive e com o qual interage.

A geografia ensinada nas escolas, ainda que apresente sinais e desejos de recuperação, de tomada de forçaⁱⁱ no seu modo de ser disciplina escolar, a partir de uma intervenção das mudanças de concepção – diga-se na concepção de um ensino crítico com uma geografia crítica – é pouco articulada à vida dos alunos. É a “[...] Geografia pastel de vento: pouca densidade na reflexão. E, claro, cabe tudo dentro do rótulo ‘Geografia’. A Geografia é um somatório de cacos, ‘lição de coisas’ⁱⁱⁱ[...]” (Kaerscher 2004, p 145).

Ao tratar sobre “a geografia tradicional no ensino e na pesquisa”, Pinheiro (2003), aponta por meio dos documentos analisados, as críticas tecidas em relação à geografia tradicional. Essa Geografia ensinada e aprendida dessa forma, rotulada e destituída de um significado maior, é a geografia que buscamos superar. E para que esta superação se efetive, entende-se que é importante considerar a Geografia em seu sentido de projeto. Qual o projeto de Escola no projeto de Geografia e qual o projeto de Geografia no projeto de Escola? Como os sujeitos destas práticas intervêm no sentido de dar sentido à Geografia ensinada/apreendida na escola?

Um projeto intencionalmente pensado por um grupo, por sujeitos que por meio de suas experiências (Dubet; Martucceli 1998^{iv}), suas vivências intervêm no modo de ser da escola e da Geografia na escola. Um projeto-mundo porque trás em seu seio uma intencionalidade viva: a formação de uma consciência espacial e de uma atuação cidadã. Um projeto-mundo nos processos de ensino-aprendizagem de Geografia que possibilite crítica, reflexão, análise; leitura de mundo como mundo construído, pensado ideologicamente, de um mundo-possibilidade. Leitura de mundo em suas dimensões histórica, social, política, econômica, cultural, enfim, do mundo-mundos.

A aprendizagem da Geografia deve possibilitar a reflexão crítica sobre o espaço: uma reflexão que, incorpore as diferentes leituras de um mesmo objeto, que fundamentada no confronto de idéias, interesses, valores socioculturais, estéticos, econômicos, evidencie as diferentes interpretações e as diferentes intencionalidades que marcam a história da construção de um espaço; uma reflexão que possibilite a elaboração de questionamentos sobre o espaço, a vida, o mundo. (Perez 2001, p. 116).

Ler o mundo, indagar-se sobre ele, questioná-lo, explicá-lo implica em entender a Educação Geográfica como um processo na Educação Escolar que considere o sujeito como agenciador; como aquele que ao ler o mundo, projeta um mundo.

Parte do fundo de motivações para a ação é constituída pelos sistemas de significados, símbolos e moral através dos quais as pessoas vêem o mundo e seu lugar nele. Além disso, o mundo social de regras, papéis, relações e padrões de comportamento é o resultado intencional e inintencional da ação coletiva e individual ao longo do tempo. (Lloyd 1995 p. 162).

A intencionalidade é constituinte do projeto de mundo e do projeto da Geografia no mundo: no mundo da escola, no mundo pessoal e social. Considerar a geografia ensinada como projeto-mundo é considerar o modo como as pessoas, pelas suas ações e intenções, podem reconstruir o construído, ou nas palavras de Santos “[...] uma geografia re-fundada , inspirada em realidades do presente, pode ser um instrumento eficaz, teórico e prático, para a re-fundação do planeta”. (Santos *apud* Perez 2001, p. 108).

Essa ‘re-fundação’ intencionalmente estruturada, pensada ancora-se em práticas sócio-educativas – em específico, as práticas de ensino e de aprendizagem de Geografia -, que tenha como premissa a formação do sujeito situado na “totalidade-mundo” como defende Straforini (2004), o mundo como um todo integrado e dinâmico. Assim, entende-se “estar situado” como as relações que os sujeitos estabelecem entre o contexto local e o contexto global; o modo como questionam, indagam esses contextos e as proposições que passam a fazer a partir das leituras – análise, explicação, compreensão desses contextos, dos estudos desenvolvidos pela/na Educação Geográfica.

Estar situado indica estar localizado geograficamente (noções de escala, cartografia, coordenadas, convenções que são utilizadas pelos sujeitos para ler, interpretar, analisar o espaço com o qual interagem e do qual fazem referência). Desse modo, o sujeito situado é aquele que consegue pelos meios, recursos da ciência geográfica ou outras ciências e pelos processos de ensinar e aprender geografia, ler o mundo com todas as suas relações e distinguir nele, os diferentes aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais, históricos, etc. É aquele que ao construir explicações sobre o mundo, propõe e atua nesse mundo; é agenciador.

Esse entendimento de mundo no projeto da geografia escolar contribui para que o sujeito da formação possa, por meio das práticas educativas, compreender o mundo estabelecendo a relação local-global de modo a considerar não apenas a sua realidade – o lugar de vivência -, mas as múltiplas realidades que interferem nesse lugar. A Geografia escolar, pode ainda, “[...] fornecer instrumentos para que os cidadãos possam localizar os diferentes ambientes produzidos pelo homem e outros preservados ou destruídos e compreender os significados dessa localização” (Cavalcanti 2002, p. 17-18).

Nas palavras de Vesentini, pode-se pensar em uma geografia escolar em que o processo de ensino-aprendizagem possa se voltar para o entendimento de que “Os grandes problemas a serem enfrentados, inclusive sob a ótica da sobrevivência do sistema, são em número crescente de escala planetária, desde o meio ambiente até os fluxos e conflitos culturais, econômicos jurídicos, tecnológicos etc.” (Vesentini 2001, p. 22). Para que esse entendimento ocorra, nas palavras do autor,

[...] é extremamente importante, muito mais que no passado, que haja no sistema escolar uma(s) disciplina(s) voltada(s) para levar o educando a compreender o mundo em que vive, da escala local até a planetária, dos problemas ambientais até os econômico-culturais. (Idem. p. 22).

A Geografia escolar assume nesse contexto, capital relevância, uma vez que, por meio dela, objetiva-se:

Aumentar o conhecimento e a compreensão dos espaços nos contextos locais, regionais, nacionais, internacionais e mundiais e, em particular: conhecimento do espaço territorial; compreensão dos traços característicos que dão a um lugar a sua identidade; compreensão das semelhanças e diferenças entre os lugares; compreensão das relações entre diferentes temas e problemas de localizações particulares; compreensão dos domínios que caracterizam o meio físico e a maneira como os lugares foram sendo organizados socialmente; compreensão da utilização e do mau uso dos recursos naturais. (Castellar 2005, p. 211).

As preocupações relacionadas ao ensino-aprendizagem de Geografia expressas por Castellar estão co-relacionadas ao tratamento que se dá a essa disciplina na escola, pois “Sua presença na escola, enquanto campo de formação geral das pessoas, exige um tratamento adequado, com profundidade e considerando sua complexidade” (Cavalcanti, 2006, p. 116).

Para que passe de prática transmissora-alienante (Freire 2000; 2005) para uma prática libertadora, a Geografia Escolar não pode ser tratada como um mero elemento

de recheio do currículo escolar ou muito menos, como conteúdo com valor de uso. Isto porque, a escola como lugar de experiência não pode ser lugar de alienação, mas de libertação. Uma disciplina que ajuda a pensar o mundo, não se ensina com meros instrumentos de repetição, mas com atitudes que no mínimo valorizem a argumentação, a indagação e a proposição, e isso se faz respeitando a especificidade da Geografia como disciplina escolar.

Na prática, a Geografia ensinada não consegue, muitas vezes, ultrapassar ou superar as descrições e as enumerações de dados, fenômenos, como é da tradição dessa disciplina. Na prática, o livro didático, muitas vezes trazendo um conteúdo padronizado, define o que se vai ensinar, e os professores tratam os temas em si mesmos, sem permitir que sua abordagem sirva para transitar na escala global-local, tendo como foco o local. Na prática, continua a ser um desafio trabalhar por meio de situações-problema, buscando a formação de um pensamento conceitual, para servir de instrumento da vida cotidiana, tendo em mente ao mesmo tempo a complexidade do mundo contemporâneo e o contexto local em que se encontra. Na prática, enfim, continua um desafio cumprir o objetivo básico da Geografia na escola, que é o de formar um pensamento geográfico, pensamento espacial genericamente estruturada para compreender e atuar na vida cotidiana pessoal e coletiva. (Cavalcanti 2006, p. 119).

O significado da Geografia no contexto da Educação Escolar não está apenas na contribuição dessa disciplina para os sujeitos fazerem uma leitura de mundo, senão projetar o próprio mundo. Por isso, reforça-se a crença de que o olhar para a Geografia Escolar hoje, é um olhar no sentido de conceber essa prática como prática da projeção; como Geografia propositiva no sentido de projeto-mundo, projeto-escola. Como afirma Damiani (2001 p. 55), “É possível vislumbrar, dependendo da fertilidade do pensar, os projetos de sociedade, as utopias, ainda não realizados. Como possibilidades nascidas de contradições no seio do espaço institucional”.

ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA: CAMINHOS DE UMA VIVÊNCIA

O estudo, no primeiro ano de coleta de dados (2005) objetivou analisar a percepção/concepção dos alunos em relação às práticas de ensino e de aprendizagem de Geografia e o significado que eles atribuem a estas práticas e a Educação Geográfica em suas vidas e na sociedade. Para isto, optou-se por desenvolver um

trabalho pautado na metodologia da pesquisa participante, tendo como eixo condutor o processo de planejamento e a intervenção dos sujeitos no processo: alunos e professor. Em seu segundo ano do estudo (2006), o objetivo voltou-se para a análise das práticas educativas ao longo de seu desenvolvimento e fazer novo levantamento de dados acerca dos significados dessa disciplina escolar sob o ponto de vista dos alunos de 5ª a 8ª séries.

Um dos objetivos do trabalho está centrado no desenvolvimento de uma proposta didática para o ensino e a aprendizagem de Geografia desenvolvida com alunos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental. Um processo em que alunos e professor se colocam como sujeitos atores-autores da aprendizagem e que a Geografia ensinada-apreendida se pautar na leitura de mundo – uma leitura crítica da realidade local e global no sentido de “indagar o mundo para construir o sentido do mundo” (Perez 2001 109), construir uma explicação geográfica^v sobre o mundo.

A metodologia utilizada ao longo das aulas pautou-se na formação de grupos de estudos (GE), grupos de pesquisa (GP), seminários, círculos de debate, organizou-se ainda, painéis e pôsteres. Ao longo das atividades em aula, também foram produzidos textos, leituras dialogadas, leitura de imagens; os projetos de investigação e o estudo do meio - levantamento de dados em campo, o que culminou na produção de mapas-sínteses da aprendizagem dos alunos e das intencionalidades do professor, visando um tratamento sistemático acerca do conhecimento geográfico discutido, estudado, (re)construído na escola.

A partir dos estudos e proposições registrados no planejamento são elaborados mapas – figuras, esquemas explicativos, quadros sobre o modo como se concebe e intenciona desenvolver as práticas pedagógicas e sobre as aprendizagens ou os saberes construídos pelos alunos. Este último aspecto, considerando: os conceitos e conhecimentos prévios e científicos; a elaboração de resumos e sínteses; o estudo dos mapas objetivando situar-se no tempo e no espaço – dimensão para além da localização; planejamento e mapeamento das idéias; elaboração própria de esquema explicativo pelos alunos a partir da orientação pelo professor.

As dimensões desse processo de ensino e de aprendizagem de Geografia estão assim sistematizadas:

- a) Epistemológica – embasada no conhecimento geográfico e na compreensão da realidade considerando os conceitos e temas estudados;
- b) Metodológica – sustentada pelos processos de ensino e de aprendizagem de Geografia na Escola considerando a leitura de mundo, leitura do espaço geográfico; a construção da explicação geográfica; a problematização do conhecimento geográfico;
- c) Formativa – pautada na formação da consciência espacial – formação da cidadania crítico-participativa considerando a proposição e a intervenção do sujeito a partir de suas elaborações próprias.

As dimensões esboçadas no processo de ensino e de aprendizagem de Geografia possibilitam entender que “Um projeto de ensino de Geografia, nessa perspectiva, tem o compromisso de efetivar as reais possibilidades de ela contribuir para a formação dos cidadãos voltados para uma vida participativa em seu espaço, em sua cidade” (Cavalcanti 2003, p194).

Para desenvolver o que foi projetado, pensado como ações ou atividades de ensino, primeiramente objetivou-se mapear os percursos das intenções do professor construindo, para isso, um mapa que explicitasse o alcance da proposta. Esta ação demandou tempo, reflexão, avaliação. Demandou visualizar a leitura de mundo acontecendo na prática educativa. Após essa organização, foi definida a sistemática de trabalho para cada série. Definiu-se ainda o tempo para o desenvolvimento das atividades, a forma de acompanhamento, as orientações nos diversos grupos formados, ou nos trabalhos individualizados, enfim, sistematizaram-se os procedimentos. Nessa direção, a construção da explicação geográfica no ensino e na aprendizagem de Geografia exige:

- a) Estudo de textos – escrito, oral, imagético - (leitura, análise, síntese, reflexão);
- b) Levantamento de dados em campo (observação, descrição, síntese)
- c) Representação cartográfica (mapas, maquetes, blocos-diagrama, gráficos, tabelas, quadros, etc);

- d) Problematização de eixos temáticos: Analogia (comparação, caracterização, categorização); Causalidade (relações entre presente-passado, mudanças, permanências); Localização (onde, quando, extensão);
- e) Investigação temática (dados sociais, políticos, econômicos, naturais, culturais);
- f) Construção de conceitos (conhecimentos prévios, conceitos científicos, conceitos próprios);

Esse processo possibilita explicitar o sentido da construção de uma explicação geográfica – sistematização, análise, interpretação, compreensão, proposição, elaboração própria -, enfocando os objetos de estudo nas diferentes séries do Ensino Fundamental, dentre eles, destacando-se conceitos^{vi} e temas como: paisagem (natural, social, cultural: urbana e rural), inter-relações permanentes entre homem e meio (Nidelcoff 1979); o lugar, o território, a região, natureza, sociedade, o espaço geográfico (Cavalcanti, 2002); a totalidade mundo, a realidade concreta das crianças, as desigualdades sociais; o mundo em conjunto, o lugar e os modelos explicativos: sintético, analítico, totalidade-mundo (Straforini, 2004), o local e o global (Callai, 2006, p. 143-161), entre outras preocupações já salientadas ao longo deste texto.

Além dos conceitos e temas envolvidos no processo de ensinar e aprender geografia destaca-se ainda, os procedimentos exigidos dos alunos ao longo das ações desencadeadas, ou seja, um saber-fazer que implica: descrever; observar; mapear; ler mapas, gráficos, tabelas, legendas, etc. comparar; relacionar; pesquisar; sistematizar; discriminar – categorizar; entre outros. Este saber-fazer é sustentado por recursos didáticos como a música, a poesia, a literatura, o cinema, a televisão; a imprensa; o computador – internet, os jogos; o teatro, as artes plásticas, etc.

PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA: CONSTRUINDO SIGNIFICADOS

“As aulas são muito interessantes, são ótimas e sempre com um projeto por trás, isso é legal!”.

(Alissa^{vii})

A educação com sentido é compreendida como possibilidade de mudança estrutural, como meio não apenas de socialização do conhecimento, mas também de sua construção. Assim, cabe destacar o significado de uma Educação Geográfica para a formação da consciência espacial, uma cidadania consciente de suas ações no mundo, na localidade/cidade onde vive. Considerando essa formação que compreende conhecer a realidade para nela intervir, como resultados parciais da experiência que vêm sendo registrada e analisada, em relação as práticas desenvolvidas apontam-se:

a) formulação dos processos de aprendizagem visando estabelecer relações entre conteúdos, objetivos, procedimentos e avaliação; (esquemas, quadros, figuras que representem a relação macro-micro nos processos de aprendizagem);

b) estabelece relações entre o proposto e as intencionalidades do professor – onde pretende chegar (cria uma rede de significados a partir da categorização dos conteúdos – factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais);

c) o planejamento articula as partes da prática de ensino e de aprendizagem à totalidade da práxis educativa (ações e intenções articuladas com o currículo, com os pressupostos teórico-metodológicos que sustentam a disciplina de Geografia na escola).

Um planejamento intencionalmente desenvolvido apresenta metodologia, avaliação, objetivos e conteúdos articulados entre si. Os elementos desse processo devem estar correlacionados formando uma rede de significados que estrutura a formação do aluno na direção de pensar geograficamente o espaço.

No processo desencadeado, alguns aspectos teórico-metodológicos são salientados, dentre eles: a articulação com os processos de pesquisa – tendo a disciplina geografia como lócus das problematizações, das indagações dos alunos, daí decorre a valorização das muitas perguntas levantadas em sala de aula; a flexibilidade dos conteúdos e sua articulação com temas transversais - sejam aqueles decorrentes do currículo oficial ou outros advindos dos conhecimentos prévios dos alunos; a produção própria – docente e discente caracterizando-se pelos saberes pedagógicos e

saberes geográficos construídos ao longo das aulas. Em relação aos saberes do professor, Callai (2006 p. 147), destaca que,

Os saberes do professor podem se sustentar em dois níveis. O do conhecimento científico, resultado dos conteúdos específicos da disciplina escolar. [...] Por outro lado existem os conhecimentos técnicos que podem ser caracterizados como aqueles resultantes da prática, do exercício profissional [...].

O entendimento que o aluno expressa sobre as aulas contribui para pensar o sentido da Educação Geográfica e das práticas de ensino de Geografia. Neste sentido, é fundamental que em um processo de ensino se considere a forma de tratamento dos conteúdos “assuntos” ou conceitos a serem trabalhados. Projetar e propor de forma significativa como os assuntos vão ser compreendidos, explicados, assimilados pelos alunos, como eles vão ser didaticamente desenvolvidos contribui para que haja além do entendimento dos mesmos, a relação entre conhecimento e vida. Os recortes dos registros dos alunos são elucidativos do aspecto salientado:

Aulas muito interessantes, pois **os assuntos são muito bem abordados** (A1). Diferentes, variedades, atividades legais, **bem explicativas** (A2). Os assuntos em aulas foram muito interessantes, gostei (A3). Eu achei as aulas no geral legais, principalmente no final onde achei que os assuntos para mim foram mais legais e aprendi mais. Gosto também das aulas porque nos **criam dúvidas e o professor sempre dá um espaço para as perguntas** (A4). **Toda aula descobrimos coisa nova** e sempre é legal (A5). Aulas boas, legais, experientes e **aprendizagem têm a cada aula**. Eu gosto muito de “Geo” (A6). As aulas são divertidas, e ao mesmo tempo **estudiosas**. Adoro as aulas! (A7). As aulas são muito interessantes, são ótimas e **sempre com um projeto por trás**, isso é legal! Os **assuntos são muito interessantes** (A 8).

O incerto, a indagação, a problematização do conhecimento é uma possibilidade, uma abertura para que os alunos se tornem mais críticos e se posicionem de modo mais questionador diante da sociedade, do mundo. Este aspecto parece receber destaque nas falas dos alunos, uma vez que a aula é também espaço para criar dúvidas, abrir espaço para as perguntas. Um desafio que se lança para os educadores, para os especialistas que atuam nas instituições de ensino. Um desafio para quem ensina Geografia: valorizar as dúvidas sobre o mundo, as muitas perguntas sobre o contexto em que vivem os sujeitos das práticas educativas.

Pensar um projeto educativo que contemple a incerteza no seu interior é pensar um projeto que tenha como premissa base o sentido do ato de perguntar e disto, a

Geografia não pode esquivar-se, uma vez que seu objeto de conhecimento: o espaço-mundo é por sua natureza um objeto rico em perguntas, um aguçador de curiosidades.

A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de 'tomar distância' do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de 'cercar' o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar. (Freire 2000, p. 95).

No sentido apontado por Paulo Freire - produzir conhecimento pelo exercício da dúvida, há também o sentido das práticas pedagógicas de Geografia que contemplam em sua estrutura o movimento desencadeador de perguntas, a dinâmica da problematização do conhecimento, uma vez que “[...] o ensino não deve somente acenar para as certezas, mas sim levar também a interrogações” (Pelt p. 115).

A pergunta é um elemento importante no processo de ensino e aprendizagem em Geografia, possibilitando aos alunos e professor problematizar os conhecimentos estudados e aprofundá-los por meio da sistematização, da pesquisa. A partir de uma pergunta ou um problema levantado, os alunos podem sistematizar estudos em campo, coletar informações junto às comunidades, bairros, vilas, em laboratórios de informática, entre outros espaços. Nessa direção, em relação as aprendizagens dos alunos apresentam-se as seguintes constatações:

a) formulação de esquemas (mapas) estabelecendo relações e inter-relações entre as leituras (conceitos prévios e científicos), os mapas (cartográficos) e as percepções e proposições pessoais sobre o eixo estudado;

b) estrutura de pensamento: idéias pessoais e científicas buscadas nos livros e em outras fontes se articulam de modo a contribuir na formação de um pensamento próprio sobre o estudo desenvolvido;

c) construção de uma explicação geográfica que possibilita ao aluno estabelecer relações e fazer análises das diferentes escalas envolvidas nos estudos de modo a desenvolver uma percepção espacial, o que contribui para que se perceba como sujeito situado na realidade em que vive, ou seja, no mundo.

Para dizer o significado da geografia, seu sentido e contribuições na formação de cidadãos com uma consciência espacial cidadã do/no mundo em que vive/habita o

sujeito escolarizado, é preciso dizer do significado político do trabalho pedagógico e este significado, na educação geográfica passa pelo significado que se dá aos processos de construção do saber discente, ou seja, as práticas de ensinar e aprender geografia.

Estas práticas, por sua vez, devem estar relacionadas ao que o sujeito pensa de si e do mundo para que construa o sentido de mundo, a consciência própria de mundo. Assim, nestas práticas deve-se buscar pela relação entre os jovens e o saber. Que o saber tenha sentido na vida dos sujeitos escolarizados e, com isso, sentido no mundo. Como afirma Charlot (2001 p. 25), “Apropriar-se do mundo, é [...] construir-se um mundo (a partir daquele que preexiste). No próprio movimento em que se constrói, o sujeito constrói um mundo – partilhado com outros sujeitos humanos”. Por isso, é fundamental que o conhecimento geográfico seja trabalhado na sua forma, na sua cientificidade e por meio de processos que possibilitem esse tratamento. Um tratamento que reflète na valorização da Ciência Geográfica por meio da Geografia ensinada nas escolas.

A geografia nos ajuda, pois **é por ela que conhecemos o mundo** e seus defeitos, **é por ela que somos às vezes influenciados**. (6ª série) Neste mundo globalizado as pessoas estão cada vez mais virando consumidores, mas cada pessoa tem o seu valor. A importância da geografia é para que a gente possa **entender mais o nosso mundo, nosso continente, nosso país, nossa região, nossa cidade, nosso bairro, nossa vizinhança, nossa casa e a nós mesmos**. (8ª série) Para mim a geografia é importante, pois **eu aprendo a me localizar** e aprendo como é o mundo. (7ª série). Eu me considero uma pessoa muito importante ao mundo porque quem sabe o que eu serei um dia. Importância de geografia – é muito grande porque essa matéria só **me trás mais descobertas sobre o mundo**. (5ª série).

A Geografia exerce uma influência, uma força na vida das pessoas, na vida dos sujeitos. Muito mais do que aprender Geografia para estar localizado – dimensão escalar, ela deve exercer uma força no sentido de situar os sujeitos no mundo. Contribuir para a compreensão de mundo como mundo habitado e estruturado historicamente. Desenvolver o sentimento de pertencimento ao espaço-mundo que adquire o significado do espaço vivido, ou seja, de lugar da vivência, lugar da experiência social dos sujeitos. O lugar da possibilidade.

Concordando com Silva (2002 p. 320):

Para pensar as coisas do mundo é importante que nós, professores, possibilitemos aos educandos que eles desenvolvam habilidades gerais e específicas, se apropriem de um discurso, via aquisição de linguagens, e

principalmente sistematizem o conhecimento. O que significa redimensionarmos a relação professor/aluno/escola e principalmente o papel do ensino de Geografia.

Na relação que se estabelece entre escola-sujeitos-Geografia, podemos encontrar o significado das práticas de ensino e de aprendizagem da Geografia Escolar. Um significado que segundo Charlot (2001 p. 23), precisa estar mediado por uma metodologia que:

[...] coerente com a problemática deve se centrar no problema da mobilização do sujeito no campo do saber (do aprender) ou no confronto com este ou com aquele saber – mais precisamente ainda, deve se centrar nas fontes dessa mobilização e nas formas que ela assume. A questão é captar um processo que se pode designar, conforme a dimensão privilegiada pela análise, por diversos nomes: o processo de Aprender (considerando o sujeito em confronto com o patrimônio humano), a mobilização (considerando a entrada e a manutenção do sujeito na atividade), a aprendizagem (considerando o desenrolar da atividade).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O confronto, a entrada, a manutenção e o desenrolar do sujeito na atividade pedagógica é o que se mostra como desafio e possibilidade nas práticas desenvolvidas, na vivência que vem sendo registrada, refletida e analisada. Um movimento que vem possibilitando também, inquirir, avaliar e propor ações e reestruturação do processo de ensino e de aprendizagem por meio de atitude investigativa do professor – um aspecto importante no saber-fazer pedagógico.

A formação de uma consciência espacial comprometida com o mundo, com a realidade, local-global tem sentido no ensino e na aprendizagem de geografia quando as intencionalidades do professor estão articuladas com as finalidades da Educação Geográfica na sociedade contemporânea. Assim, é importante que no processo de ensino e de aprendizagem de geografia, práticas, concepções e métodos se correlacionem de forma a sustentar a construção do saber geográfico dos sujeitos escolarizados e com isso, sustentar o sentido desse fazer-saber geográfico na vida desse sujeito que intervém no mundo/realidade que habita.

É fundamental ter clareza do caminho a ser seguido em um processo de ensino e de aprendizagem que se pretende diferenciado: relacional. Assim, o processo de

planejamento no trabalho desenvolvido segue o seguinte caminho: a) delineamento da proposta – o que se quer alcançar – objetivos e intencionalidades do professor; b) explicitação dos conceitos, conteúdos ou temas envolvidos ao longo do processo de ensino e de aprendizagem; c) o esboço das habilidades a serem desenvolvidas e das ações e procedimentos didáticos necessários para esse fim; d) o levantamento dos limites e possibilidades de alcance da proposta por meio da avaliação docente e discente; e) o levantamento de questionamentos e novas proposições a partir do caminho percorrido.

Ainda que não seja tomado como única forma ou modelo, o processo de planejamento desencadeado com a proposta que vem sendo analisada indica um caminho possível a ser seguido. Mas esse processo exige retomada constante, revisão de cada aspecto envolvido, cada novo direcionamento. Ainda que se trabalhe em uma escola ou contexto singular, pelos aspectos da cultura dos sujeitos e mesmo do próprio contexto social, práticas e planejamento em si são multiperspectivados, multideterminados, e isso exige olhar ações e intenções nessas multiplicidades.

REFERÊNCIAS

Barcelos, Valdo. *Educação Ambiental e cidadania planetária*. In. Zakrevski, Sônia Balvedi ; Barcelos, Valdo (Orgs.). *Educação Ambiental e compromisso social: pensamentos e ações*. Erechim, Rs: EDIFAPES, 2004. pp. 221-249.

Callai, Helena Copetti. A articulação teoria-prática na formação do professor de Geografia. In. Silva, Aida Maria Monteiro (et al.). *Educação Formal e não formal, processos formativos, saberes pedagógicos: desafios para a inclusão social*. (ANAIS). *XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*. Recife: ENDIPE, 2006. p. 143-162.

Capra, Fritjof. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1996.

Castellar, Sonia Maria Vanzella. *Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005.

Cavalcanti, Lana de Souza. *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia: Alternativa, 2002.

_____. Geografia escolar na formação e prática docentes: o professor e seu conhecimento geográfico. In. Silva, Aida Maria Monteiro (et al.). Educação Formal e não formal, processos formativos, saberes pedagógicos: desafios para a inclusão social. (ANAIS). *XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*. Recife: ENDIPE, 2006. p. 109-126.

Charlot, Bernard (Org.). *Os jovens e o saber: perspectivas mundiais*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Dubet, François ; Martuccelli, Danilo. *En la escuela: sociología de la experiencia escolar*. Buenos Aires: Losada, 1998.

Freire, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

Kaerscher, Nestor André. *A geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica*. São Paulo. 2004. Tese (Doutorado em Geografia Humana – Universidade de São Paulo).

Lloyd, Christopher. *As estruturas da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

Morin, Edgar. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

Nidelcoff, Maria Teresa. *A escola e a compreensão da realidade*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

Oliva, Jaime Tadeu. *Ensino de Geografia: um retardo desnecessário*. In. Carlos, Ana Fani Alessandri (Org.). *A geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2001. pp. 34-49.

Pelt, Jean-Marie. *Emergência da vida vegetal*. In. Morin, Edgar. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

Perez, Carmem Lúcia Vidal. *Leituras do mundo/leituras do espaço: um diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos*. In. GARCIA, Regina Leite (Org.). *Novos olhares sobre a alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2001. pp. 101-122.

Pinheiro, Antônio Carlos. *Trajatória da pesquisa acadêmica sobre o ensino de geografia no Brasil 1972-2000*. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Geociências). Universidade Estadual de Campinas. Orientador. Archimedes Perez Filho.

Silva, Jorge Luiz Barcellos da. *O que está acontecendo com o ensino de Geografia? – Primeiras impressões*. In. Pontuschka, Nídia Nacib ; Oliveira, Ariovaldo Umbelino de. (Orgs.). *Geografia em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2002. pp. 313-322.

Straforini, Rafael. *Ensinar Geografia o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais*. São Paulo: Annablume, 2004.

Vesentini, José William. *Educação e ensino de geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação*. In: Carlos, Ana Fani Alessandri (Org.). *A geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2001. pp. 14-33.

Wilson, Edward. *O futuro da vida: um estudo da biosfera para a proteção de todas as espécies, inclusive a humana*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

Zakrzewski, Sônia Balvedi ; Barcelos, Valdo (Orgs.). *Educação Ambiental e compromisso social: pensamentos e ações*. Erechim, Rs: EDIFAPES, 2004.

Notas:

ⁱ Cf. Zakrzewski e Barcelos (2004) que enfocam a Educação Ambiental e o compromisso social; Morin (2002) que trata das jornadas temáticas dirigidas por ele focando, entre outros aspectos, o mundo, a terra, a vida, a humanidade no sentido de perceber esta dimensão de planetaridade; ou ainda os estudos de Capra (1996); Wilson (2002), entre outros pesquisadores preocupados com o que vem acontecendo no mundo e a importância de se desenvolver uma consciência de mundo.

ⁱⁱ Oliva (2001), embora trate de um estudo acerca do ensino de Geografia no Ensino Médio, ajuda a compreender as interfaces das mudanças que vem ocorrendo no universo da Geografia como ciência e da Geografia como disciplina escolar. Nesta direção, ao refletir sobre o sentido da força da Geografia no campo do ensino, o autor afirma que “[...] a força dessa renovação está ancorada numa necessidade social de mudança, de esclarecimento da realidade, missão que o ponto de vista geográfico tem com o que contribuir”. (Oliva 2001, p. 41).

ⁱⁱⁱ Além de Kaerscher (2004), outros estudiosos da área com os quais estamos discutindo nesse estudo, tratam dessa preocupação em relação a Geografia ensinada nas escolas ainda sob a influência da Geografia Tradicional. O que reflete em uma prática de ensino-aprendizagem pouco articulada às questões contextuais reais, aos fenômenos do local que afetam o global, a complexidade da organização sócio-espacial do mundo. Mesmo passando por um estágio de mudança ou como tem afirmado alguns autores, por um processo de “renovação”, como sustenta Straforini (2004 p. 172), “A crise do ensino de Geografia dos anos 70 ainda não foi superada com o advento teórico-metodológico da Geografia Crítica e do Construtivismo na Educação”; ou como afirma Cavalcanti (2002 p. 18) ao tratar do ensino de geografia com ênfase nas atividades que permitem ao aluno a construção de um saber, esta é “[...] preocupação em superar a visão de ensino reprodutor de conhecimento, em levar as pessoas a pensarem por conta própria, em permitir a construção de novas compreensões sobre o mundo”.

^{iv} Para Dubet e Martuccelli a experiência significa construir o mundo no modo de ver, pensar, agir dos sujeitos. Assim, acredita-se que a escola é *lòcus* da experiência dos sujeitos e esta experiência tem uma relação com a sociedade, com a cultura.

^v Mobilização de conceitos, procedimentos e recursos para a leitura de mundo.

^{vi} Cavalcanti (2003 p. 191) destaca que os conceitos são importantes mediadores da relação das pessoas com a realidade e permitem uma mudança na relação cognoscitiva do homem com o espaço, por isso, uma prática de educação geográfica que se pautar na explicação, compreensão do mundo, da realidade deve, em tese, estar pautada nos conceitos-chave que direcionam o saber-fazer geográfico na formação escolar.

^{vii} Aluna da 5ª Série do Ensino Fundamental de uma escola situada em Jaraguá do Sul no Estado de Santa Catarina – Sul do Brasil. Parte de sua avaliação das práticas de ensino de Geografia que venho desenvolvendo na escola em que atuo como professor dessa disciplina.